



BANZO: UMA PONTE ENTRE TRAJETÓRIAS PASSADAS E PRESENTES, E A RESISTÊNCIA NOS POEMAS DE CONCEIÇÃO EVARISTO

Bruna Carla dos Santos

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUCMINAS)

E-mail: brunakarlalee@yahoo.com.br

RESUMO

Este artigo objetiva analisar as estratégias poéticas utilizadas em poemas da escritora Conceição Evaristo que compõe o livro *Poemas da recordação e outros movimentos*, destacando os percursos da memória individual e coletiva que neles se encenam. Procura-se discutir como, nos poemas em questão, o presente se mostra construído pela revivência da história do povo negro brasileiro, herdeiro das tradições e experiência dos africanos escravizados, bem como essa experiência é passada aos descendentes, criando laços entre o vivido e o recordado. Nos poemas da escritora, o passado lembrado é motivação para um maior conhecimento de vidas subalternizadas que, todavia, não deixaram de legar aos seus descendentes exemplos de luta e vivência afetiva em coletividade. Além disso, a memória retomada na escrita de Evaristo evoca traumas, recordações que cavam os rastros e restos do processo de escravização no Brasil. E, ao suscitar o termo Banzo em seus poemas Evaristo nos traz à luz toda trajetória dos negros vindos de África com suas experiências, vivências e reminiscências. Dentre vários teóricos solicitados pelas análises, destacam-se Andreas Huyssen, Paul Ricoeur, Maurice Halbwachs, Pierre Nora, Michel Pollak, cujas reflexões reforçam o desejo de que as “escrevivências” da escritora possam ser compreendidas em seus vários traçados poéticos.

Palavras-chave: Literatura. Afrodescendente. Poesia. Lugares de memória.

BANZO: A BRIDGE BETWEEN PAST AND PRESENT TRAJECTORIES, AND THE MANNER OF RESISTENCE IN CONCEIÇÃO EVARISTO'S POETRY.

ABSTRACT

This article aims to analyze the poetic forms in poems by the writer Conceição Evaristo from the book *Poems of remembrance of other movements*, and the paths of individual and collective memory and how they are staged. They seek to discuss in the poems in question, the resurgence of the history of the black people, the heir of the traditions and experience of the enslaved Africans, as well as how that experience is passed on to the descendants, creating

ties between or lived and or remembered. In the poems of the writer, or lembrado past is motivation for a greater knowledge of subaltern lives that will not stop reaching their descendants examples of affective struggle in a collective. The memory taken up in Evaristo's writing evokes traumas, which dig the traces of the enslavement of Brazil. Raising the Banzo thermo in his poems Evaristo brings light to the trajectory of African blacks with their experiences.

Keywords: Literature. Afro-descendant. Poetry. Places of memory.

INTRODUÇÃO

Ao se valer de uma escrita poética construída com elementos memorialistas, Conceição Evaristo abarca uma “temática negra e recupera uma multifacetada memória ancestral que se faz presente nos tempos e espaços históricos de nossa constituição enquanto povo” (DUARTE, s.d, p. 3). Com este revisitar dos fatos passados e este percorrer, poeticamente, lugares físicos e emocionais a que essa memória remete, a autora produz uma literatura que se fortalece com dados da memória da escravidão negra. Como outros escritores, Evaristo revisita os deslocamentos traumáticos do povo negro e seus textos, como os de muitos escritores da atualidade, “registram aquilo que escapa aos livros de História” (VASCONCELOS, 2016, p. 12).

E, por meio da reconstituição da memória, material de que se valem os textos de Conceição Evaristo, um eu afro-brasileiro, descendente de africano, se reconhece e se questiona, por mais que essa memória traga dores e traumas que são inerentes ao passado vivido pelos ancestrais de um eu que se sabe ligado a quem foi trazido para o Brasil como escravo. Outra marca da obra da escritora, que se mostra nos seus poemas utilizado em vários textos, é a que se constitui como traço identitário de uma escrita que assume memórias coletivas, até mesmo quando se refere a experiências vividas por quem diz “eu” no poema. “Recordar é preciso” porque o passado retomado ainda se faz atual. Por isso, nos poemas, contos e romances escritos por Evaristo, o passado traumático da escravidão e as trajetórias de indivíduos que vivem à margem da sociedade, isto é, negros, mulheres e velhos, herdeiros dos sofrimentos vividos pela diáspora negra, estão sempre presentes.



Em outro poema, Evaristo volta a assumir o lema “recordar é preciso”, porém de forma indireta. No poema “Todas as manhãs”, memórias individuais e coletivas da escravidão e do sofrimento impresso na cor negra da pele são revisitados.

Todas as manhãs
Todas as manhãs acoitam sonhos
e acalento entre a unha e a carne
uma agudíssima dor.
Todas as manhãs tenho os punhos
sangrando e dormentes
tal é a minha lida
cavando, cavando torrões de terra,
até lá, onde os homens enterram
a esperança roubada de outros homens.

Todas as manhãs junto ao nascente dia
ouço a minha voz-banzo,
âncora dos navios de nossa memória.
E acredito, acredito sim
que os nossos sonhos protegidos
pelos lençóis da noite
ao se abrirem um a um
no varal de um novo tempo
escorrem as nossas lágrimas
fertilizando toda a terra
onde negras sementes resistem
reamanhecendo esperanças em nós.

(EVARISTO, 2011, p. 20)

A revisitação do passado é acentuada na escrita e na vivência dos indivíduos marcados pela “agudíssima dor”, mencionada no terceiro verso da primeira estrofe. Nesta estrofe, a volta ao passado fica acentuada, bem como a ideia de que recordar é sempre doloroso. A aflição inerente ao ato de relembrar questões traumáticas que a memória retoma em forma de sonhos acalenta o não esquecimento de uma história que é como algo permanente no eu lírico. Os sentimentos fortes relacionados à escravidão, ao cativo e às reminiscências fomentam a necessidade de recordar o roubo de vidas que a memória revisita, como no trecho a seguir:

Todas as manhãs tenho os punhos
sangrando e dormentes
tal é a minha lida



cavando, cavando torrões de terra,
até lá, onde os homens enterram
a esperança roubada de outros homens.

(EVARISTO, 2011, p. 20)

Vale ressaltar que a luta para que essa memória se mantenha viva está simbolizada no uso do verbo “cavar”, porque é nesse exercício de escavação que o eu lírico remete à batalha diária da memória, buscada com “os punhos sangrando e dormentes”. Recordar o passado que ficou para trás para compor o presente, tecido com “a esperança roubada de outros homens”. Convém ressaltar o valor metafórico do verso “cavando, cavando torrões de terra”, em que a ação de cavar remete à revisitação constante do que ficou soterrado na história. No poema, o recurso da anáfora colocado no início das estrofes, a expressão “Todas as manhãs”, intensifica a lida da recordação, com a visita aos fatos do passado para que não sejam soterrados pelo esquecimento.

Todas as manhãs junto ao nascente dia
ouço a minha voz-banzo,
âncora dos navios de nossa memória.

(EVARISTO, 2011, p. 20)

O termo “banzo” referente à voz fortalece o clamor que se faz memória. Essa voz modulada pela dor, pela angústia, procura expressar os sentidos de uma busca que marca os dias, todos os dias, e que se faz âncora de um desejo de vasculhar a memória do seu povo. O processo de recordar é marcado pela dor. Halbwachs, quando discute a questão do “não-dito”, alude à angústia de não encontrar uma escuta, de ser punido por aquilo que se diz, ou mesmo ao de se expor. De algum modo, a angústia de não conseguir expressar “a esperança roubada” dos muitos homens silenciados pela crueza da escravidão pontua o poema de Evaristo até a segunda estrofe. Halbwachs (1990) reflete sobre os processos geradores de silêncios, impedidores de fala e de manifestação, explicando que eles não são estanques e estão em perpétuo deslocamento.

É a partir desses deslocamentos que podemos tentar compreender os sentimentos que são expostos ou guardados na memória. No poema em referência, os versos referem-se a lamentações, choros e desabafos que, obrigados a se silenciarem, não puderam construir



lugares de fala e de escuta. Visando à desconstrução desses impedimentos, os versos da última estrofe expressam a esperança em um tempo outro que desarma os silêncios e fertiliza a terra.

E acredito, acredito sim
que os nossos sonhos protegidos
pelos lençóis da noite
ao se abrirem um a um
no varal de um novo tempo
escorrem as nossas lágrimas
fertilizando toda a terra
(EVARISTO, 2011, p. 20)

Halbwachs (1990) enfatiza que o longo silêncio sobre o passado está longe de conduzir ao esquecimento, pois ele pode ser percebido como a resistência com que uma sociedade ou um grupo se opõe ao excesso de discursos oficiais. Vemos estas “sementes de resistência” serem perpetuadas ou passadas de geração em geração, lembranças traumatizantes ou lembranças retomadas como um ritual “todas as manhãs” para se transformarem em esperança:

onde negras sementes resistem
reamanhecendo esperanças em nós.

(EVARISTO, 2011, p. 20)

A memória como construção do sujeito que se diz nos poemas discutidos até aqui se refaz a partir de uma disposição para retomar o que ficou para trás ou do que pode ser construído em novos trajetos de existência. Como marca desses percursos está a intenção de revisitar as memórias silenciadas e de fortalecer formas de identidades definidas pelas vozes das memórias coletivas e individuais que lutam contra um discurso de apagamento de histórias vividas, no passado, pelos herdeiros das experiências e tradições dos africanos escravizados. Nesse sentido, podemos dizer que os poemas de Evaristo assumem o propósito de retomar essas histórias, tornando-as uma motivação para sua produção criativa de textos. Vasculhar as memórias silenciadas é assumir o direito à palavra para que, como salienta Jay Winter (2006, p. 75) sejam restauradas “novas identidades políticas e étnicas em várias regiões voláteis”.

É interessante destacar que esse movimento tende a crescer, pois, muitas vezes, a História e a Política não irão dar conta de investigar as histórias e micro-histórias de tantas vidas silenciadas. Winter (2006) considera que caberá à literatura, com sua forma de encenar as vidas marginalizadas, colocando em cena personagens subjugados e postos à margem, alterar esse cenário. Nesse sentido, a literatura de Conceição Evaristo, construída em narrativas e poemas que têm raízes fortes fincadas nas identidades coletivas e na história do povo negro, pode caracterizar uma “contra-história que desafia a falsa generalização na História” (WINTER, 2006, p.72). Dialogando de certa forma com esse pensamento, a reflexão de Michel Pollak (1989) também enfatiza que retomar as histórias silenciadas por meio das memórias, lembranças e recordações é ordenar acontecimentos que balizaram uma existência por meio de laços que se constituíram na construção do indivíduo e na sua relação com os outros.

Há outro poema de Conceição Evaristo que caracteriza esse modo de lidar com as reminiscências. Referimo-nos a “Filhos na rua”, que, logo nos primeiros versos, alude a imagens também presentes nos poemas analisados até aqui.

Filhos na Rua

O banzo renasce em mim.
Do negror de meus oceanos
a dor submerge revisitada
esfolando-me a pele
que se alevanta em sóis
e luas marcantes de um
tempo que está aqui.

O banzo renasce em mim
e a mulher da aldeia
pede e clama na chama negra
que lhe queima entre as pernas
o desejo de retomar
de recolher para
o seu útero-terra
as sementes
que o vento espalhou
pelas ruas....

(EVARISTO, 2011, p. 19)

O poema, ao recuperar vivências que foram atropeladas durante anos, aborda o sentimento de pertencimento a uma história marcada pelo sofrimento do povo negro,

significado em termos como “banzo”, “negror”. No poema, a palavra “banzo” assume diversos significados, mas guarda sentidos atrelados à sua raiz do quimbundo¹ “*mbanza*”, que significa, de acordo com alguns estudiosos, “aldeia”. Outros, como Clovis Moura (2004), dão outro sentido ao termo. No *Dicionário da escravidão negra do Brasil*, Moura afirma que o termo refere-se ao sentimento de melancolia em relação à perda da terra natal, ao estado de depressão que acometia os escravos logo que chegavam ao Brasil.

As explicações sobre a origem do termo “banzo” se fazem necessárias, porque em sua gênese que está o sentido buscado por Evaristo no poema “Filhos na rua”. O verso inicial do poema, “O banzo renasce em mim”, recupera o sentido da melancolia e da depressão que causavam a morte de muitos dos escravizados africanos, mas, ao mesmo tempo, parece reacender o sentido relacionado com “aldeia”, porque é esse sentimento de pertencimento a um grupo que impulsiona a continuação da luta pela causa do povo negro.

O sofrimento revisitado faz com que sejam lembrados o cativo e a servidão, retomando também as marcas físicas do corpo e as sequelas dos sofrimentos deixados na alma e na memória de quem conviveu com a dor. No entanto, como se expressa no poema, a “dor submerge revisitada/ esfolando-me a pele/que se alevanta em sóis/ e luas marcantes de um/ tempo que está aqui”. As marcas retomadas pela memória ajudam a construir mecanismos de cura que se mostram em um “tempo que está aqui”. O tempo da retomada do passado é o do agora, e as marcas, ainda presentes no corpo e na alma, assumem outros sentidos. Ao recuperar o passado, a dor emerge dele “revisitada” e ajuda a compor outros sentidos, outras propostas de vivências.

O “banzo” que causou a morte de milhares de escravizados renasce como força que reitera a decisão anunciada no poema “Recordar é preciso”, quando se tem a certeza de que “recordar é preciso”. Recordar é o mecanismo que impele a composição de percursos da memória que os poemas de Evaristo retomam e também assumem. A dor traumática está na pele como um sinal visível que Jay Winter observa quando diz: “quando estes homens e mulheres carregam as cicatrizes de tais memórias, mesmo quando não receberam um arranhão” (WINTER, 2006, p. 84). O teórico se refere à violência traumática vivida pelos negros africanos e pelos afrodescendentes. Estes, na atualidade, convivem com as sequelas

¹ Língua da família bantu, falada em Angola pelos Ambundos.

desse trauma vivido de forma intensa e cruel por seus antepassados, algumas delas, inclusive, definindo o destino de seus descendentes. Remexer nessas memórias é se confrontar com vários tipos de violência que são recuperados e com outros que caracterizam os modos como os descendentes de escravos foram assumidos como estranhos na sociedade que os explora ainda.

As estratégias poéticas usadas pela escritora tentam reforçar o sentido de traços da memória recuperados pelo ato de lembrar. A reiteração da mesma frase, na abertura de cada uma das duas estrofes, além de se referir ao sentido do termo “banzo” como a saudade do que ficou na África, funciona como impulso ao grito que se quer fazer audível e carregado de significações. Os significados de “banzo” nesses versos repetidos, além de explorar o recurso poético da reiteração, faz-se retomada, “revisitada” de situações históricas. Em suas “memórias literárias”, Evaristo nos possibilita ter acesso a ações que contrariam a “história oficial” defendida pelos senhores de escravos e pelos que lamentaram a perda incomensurável de grande parte da mão de obra trazida da África.

No poema analisado, a poetisa inscreve um “eu” feminino dono de uma voz que deseja ser ouvida por todas as mulheres que tiveram os seus “filhos-sementes” arrancados do seu “útero-terra”. Evaristo, de modo sutil, mas preciso, produz uma quebra de hegemonias ao desestabilizar a negação que a própria literatura, por vezes, legítima, quando pouco se interessa pelos temas ligados à escravidão negra. Ela o faz a partir de um ponto de vista menos compactado com o interesse dos proprietários, o que subtrai da literatura afrodescendente o poder mais forte que ela poderia ter, no Brasil, quando comparada, por exemplo, com a literatura norte-americana. A poetisa abre espaço para que, em seus escritos, possa ser ouvido o “banzo” que renasce da vivência revolvida nos oceanos de sua memória e na dos seus iguais, com o intuito de visitar a dor que se atormenta e, a partir dela e com ela, construir novos mundos, ainda que só possíveis no âmbito da literatura. Ao ouvir a voz à mulher negra consegue abrir um espaço no qual, muitas vezes:

Procura-se desarmar as «mordanças pesadas» e permitir que as palavras construam modulações de uma escrita que, aos poucos, se desgarrar de uma intenção pragmática tão presente na literatura de combate, seja ela africana ou afro-brasileira. Questões outras, aos poucos, assumem as letras do texto com sutis intenções, configurando uma escrita que, não sendo propriedade de mulheres, com elas ganha certamente instigantes sugestões. (FONSECA, 1998, p. 1)

Como sinaliza Fonseca (1998), na citação acima, Evaristo em vários textos seus e também no poema em referência, agencia uma linguagem e um tipo de escrita com os quais pretende construir ligações entre o passado, como no poema em que se vale de significados do termo “banzo”, e procura construir imagens do presente, a partir de termos como os que constroem o título metafórico *Filhos na rua*. Devemos considerar que faz parte do seu processo criativo aludir a rastros de memórias que se atualizam, seja pela mediação da escrita, de gestos e de tradições postos a ressaltar o que foi esquecido sem ser revisitado, seja pela resistência à ordem que legitimou o tráfico negreiro e a exclusão dos descendentes de escravizados do processo legítimo de cidadania. Como no poema em referência, o grito recupera traços de uma memória silenciada, com a força da “chama negra” que brota do processo gerador de sua escrita.

Os escritos de Evaristo, sejam pautados em recordações e histórias dos que sofreram a dor que se inscreve na cor da pele negra, sejam marcados pelo desejo de mergulhar nessas histórias para revisitá-las, transformam-se na possibilidade de recolher traços de uma identidade coletiva e individual para com eles ressignificar o presente. Conforme acentua Huyssen (2000, p. 17), com as metas narrativas que ficaram à margem da sociedade, ao serem “revisitadas” por um discurso pautado por movimentos de diásporas, heranças, rituais e resistências, reafirmam-se ressonâncias de escritos e reescritos. A obra de Conceição Evaristo parece reafirmar o que Halbwachs (1990) aponta, quando acentua

que a memória individual existe sempre a partir de uma memória coletiva, posto que todas as lembranças são constituídas no interior de um grupo. A origem de várias ideias, reflexões, sentimentos, paixões que atribuímos a nós, são na verdade, inspiradas pelo grupo. (HALBWACHS, 1990, p. 9)

É importante ressaltar que, quando a escritora nos possibilita, através de seus escritos, alcançar uma nova versão da história contada sobre a diáspora africana, em que há possibilidades de outras falas e escutas e até mesmo possibilidades de “inscrever suas lembranças contra o esquecimento” (POLLAK, 1998, p.3), os silêncios e os “não-ditos” que encobrem vítimas e situações explicitam que a memória tem sua ambiguidade. Pode remontar a momentos prazerosos, mas também pode nos remeter a fatos traumáticos e a barbáries.

Como acentua Pollak (1989, p. 3), a lembrança traz de volta o todo vivido e o que pode ser descoberto a partir desta brecha aberta pela capacidade de acessar o passado.

Esse processo move várias situações suscitadas em que o sujeito que relembra pode ter sido impelido a se calar, a não falar de fatos que observou, até porque, por vezes, não tem fala ou não ocupa um espaço em que sua fala seja permitida. Na imprecisão de falas, esquecimentos e “não-ditos” entra em jogo o conflito abordado por Halbwachs (1968, p. 6), quando se refere ao movimento de “irrupção de ressentimentos acumulados no tempo e de uma memória da dominação e de sofrimentos que jamais puderam se exprimir publicamente”.

Ao evocar as reminiscências de um passado que tendia ao esquecimento, Conceição Evaristo questiona os efeitos desse não lembrar em grupos minoritários, postos em situações subalternizadas, herdeiros de uma tradição de homens submetidos às demandas de uma mão de obra desumanizadora e de mulheres ocupadas como mães de leite ou serviçais de afazeres domésticos. As memórias advêm de uma massa de pessoas marcadas por estereótipos responsáveis pelas imagens distorcidas, como a de negro vagabundo ou de malandro, incapaz de assumir cargos que exploram o raciocínio. As mulheres vistas como símbolo sexual, voltadas apenas para o sexo, “desprovidas de razão e sensibilidade mais acuradas, confinadas ao império dos sentidos e artimanhas e trejeitos da sedução destinadas ao prazer isentos de compromissos” (DUARTE, 2010, p. 24).

Os textos de Evaristo, ao trazerem à tona a memória de negros e negras subalternizados, desempenham uma forma de destacar como estes homens e mulheres passaram a ser “Filhos na rua”. Isso porque mesmo quando têm um lugar de destaque na sociedade, continuamente são cobrados por imagens depreciativas, construídas por um que os explorou como peça ou coisa, nunca os vendo como os homens e mulheres que realmente são.

No poema “Filhos na rua”, Evaristo acentua a força de outro desejo, o “de retomar/ de recolher para/ o seu útero-terra/ as sementes/ que o vento espalhou/ pelas ruas”. Que significaria este desejo outro? Os versos manifestam a opressão sofrida pela população negra subjugada e largada à própria sorte como “sementes que o vento espalhou pelas ruas”. Ao encenar estes percursos da memória dos negros, o poema produz uma ressignificação por meio de uma literatura que assume as feridas que ainda não foram cicatrizadas. Imergir os textos num contexto de opressão e abandono nos faz melhor compreender os espaços físicos e psicológicos nos quais os afrodescendentes e negros estão inseridos. A provocação dos textos



se constrói com a conclamação de acontecimentos que ficaram nas lembranças dos oprimidos e se refazem nos dias atuais, marcando construções identitárias sempre “em constante mudança”. Como acentua Stuart Hall (2011), a noção de sujeito se reforça com a certeza de que a identidade é formada na “interação” entre o eu e o outro. Podemos, então, perceber que:

O ser afro em seu estar no mundo (marca-se) pela diferença, reitera-se a exigência de a cultura nacional abrir um espaço que valorize a identidade afro-brasileira. Identidade construída a partir de uma história de ancestralidade africana que, cultural e fisicamente, reivindique a visibilidade de suas raízes. (FIGUEIREDO, 2012, p. 14)

Ao considerarmos a citação acima, podemos perceber que a literatura afro-brasileira ou afrodescendente apresenta um momento de afirmação de uma identidade questionadora do papel do negro na sociedade brasileira. São séculos de costumes, crenças, hábitos, situações tão presentes nas relações com o outro vivenciadas desde gerações passadas. No dia a dia, a identidade negra marca pessoas, religiões e escritos, como os selecionados para o presente estudo. Assim também as mulheres escritoras que fizeram e fazem histórias com suas narrativas vinculadas a memórias individuais e coletivas; ou com a busca de si mesmas como mulheres e como negras. Assim, o presente artigo tentou mostrar que além do exposto acima temos várias coisas em nossa sociedade que trazem em si os traumas e reminiscências da história afro-brasileira como termo o Banzo apresentado nos poemas de Conceição Evaristo.

REFERÊNCIAS

DUARTE, Eduardo Assis. **Conceição Evaristo: literatura e alteridade**. Disponível em: <www.lettras.ufmg.br/literafro>. Acesso em: 01 fev. 2016. (p. 1-5).

_____. **Literatura Afro-brasileira: um conceito em construção**. Disponível em: <www.lettras.ufmg.br/literafro>. Acesso em: 01 fev. 2016. (p. 1-10).

_____. **Mulheres marcadas: literatura, gênero, etnicidade**. **Scripta**, Belo Horizonte, v.13, n. 25 , p. 63-79, jul. 2009.



_____. Conceição Evaristo. In: DUARTE, Eduardo de Assis; FONSECA, Maria Nazareth Soares (Org.). **Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica: história, teoria, polêmica**. Belo Horizonte, MG: Ed. UFMG, 2011. p. 103-116. v.4. (Humanitas).

EVARISTO, Conceição. **Poemas da recordação e outros movimentos**. Belo Horizonte: Ed. Nandyala, 2011. 95 p.

_____. **Literatura negra: uma poética de nossa afro-brasilidade**. Disponível em: <www.letras.ufmg.br/literafro>. Acesso em: 08 set. 2016. (p.1-15).

FERREIRA, Amanda Crispim. **A memória em Poemas da recordação e outros movimentos de Conceição Evaristo**. Disponível em: <www.letras.ufmg.br/literafro>. Acesso em: 01 fev. 2016. (p. 1-11).

FIGUEIREDO, Maria do Carmo Lanna; FONSECA, Maria Nazareth Soares. Apresentação. In: **Poéticas afro-brasileiras**. 2. ed. Belo Horizonte: Mazza Edições; PUC Minas, 2012, p. 9-18.

FONSECA, Maria Nazareth Soares. **Políticas de esquecimento e desejo de lembrar**. Disponível em: <<http://www.gragoata.uff.br/index.php/gragoata>>. p. 97-110.

_____. O mar ondulado da memória. In: FUNCK, Susana Bornéo; MINELLA, Luzinete Simões; ASSIS, Gláucia de Oliveira (Orgs.). **Linguagens e narrativas – Desafios feministas**. Tubarão (SC): Ed. Copiart, 2014. p. 319-334.

_____. Literatura negra os sentidos e as ramificações. In: DUARTE, Eduardo de Assis; FONSECA, Maria Nazareth Soares (Orgs.). **Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica: história, teoria, polêmica**. Belo Horizonte, MG: Ed. da UFMG, 2011. p. 245-277. v. 4. (Humanitas).

_____. **Corpo e voz em poemas brasileiros e africanos escritos por mulher**. [S. l.]: UEA, 2013. Disponível em: <<https://goo.gl/ad2FGC>>. Acesso em: 07 nov. 2013.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vertice, 1990. 189 p.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10. e d. Rio de Janeiro: DP&A, 2005. 102 p.



HALL, Stuart. **Da diáspora:** identidades e mediações culturais. 1. ed. atual. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2009. 410 p.

HUYSEN, Andreas. **Passados presentes:** Seduzidos pela memória. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2000. 116 p.

MOURA, Clóvis. Dicionário da escravidão negra no Brasil. São Paulo: EDUSP, 2004.

NORA, Pierre. **Entre memória e história:** a problemática dos lugares. Trad. Yara Aun Khoury. Projeto história, São Paulo, n. 10, abr. 1993. p. 7-28.

POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento, silêncio.** In: Estudos Históricos. Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989. p. 3-15.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento.** Trad. Alain Fraçois. Ed. Unicamp, 2008. p. 536.

VASCONCELOS, Julya. **A urgência da literatura de diáspora.** Disponível em: <<https://goo.gl/d37EWI>>. Acesso em: 01 abr. 2016.

WINTER, Jay. A geração da memória: reflexões sobre o “boom da memória” nos estudos contemporâneos de história. In: SILVA, Márcio Seligmann. **Palavra e Imagem, Memória e Escritura.** Chapecó: Ed. Argos, 2006. p. 66-87.